

RESENHA:

LESSA, Patrícia. *Amor & Libertação em Maria Lacerda de Moura*.
São Paulo: Editora Entremares, 2020 (201 págs.).

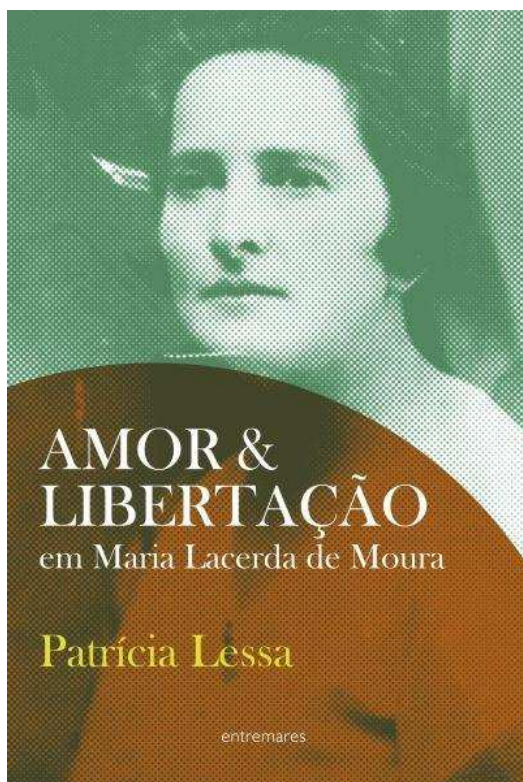
Educação e a condição feminina nos escritos libertários de Maria Lacerda de Moura

CAMILA CAROLINA HILDEBRAND GALETTI*

[...] Afirmando promessas de vida
desafiamos a tradição
modelamos a argila quente
de um mundo que nasce da dor

Punho em riste, mulheres do mundo
em direção a horizontes preñhes de luz,
Por rotas ardentes
Avante, avante
olhando para a luz.

Hino das Mulheres Livres. Lúcia Sánchez Saornil, Valência, 1937.



Mulheres dificilmente lutaram por uma coisa só. A trajetória e o trabalho intelectual de Maria Lacerda de Moura escancaram tal afirmativa. Em seu livro

Amor & Libertação em Maria Lacerda de Moura, a escritora e educadora Patrícia Lessa evidencia isso. Publicado no ano de 2020 na língua portuguesa pela editora Entremares, o livro descortina o ideário patriarcal de que mulheres não podem se dedicar as mais diversas temáticas, pois a educadora libertária Maria Lacerda, dedicou sua vida em discutir e atuar em inúmeras frentes para pensar a condição feminina na sociedade. Lacerda abordou os perigos do fascismo e autoritarismo, a ciência, religião dentre outros assuntos que foram custurando seus incômodos e perspectivas.

A autora, Patrícia Lessa, é uma das principais intérpretes de Maria Lacerda, sendo organizadora do livro *Civilização, troncos de escravos* (2020), publicado pela editora Entremares, juntamente com a historiadora Cláudia Maia, o qual traz textos e reflexões encontrados a partir de pesquisas realizadas no Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da

UNESP, um dos maiores acervos de Maria Lacerda de Moura.

Logo no prefácio do livro *Amor & Libertação*, Mariam Pessah pontua a importância de resgatar trajetórias femininas e nos oferece fôlego ao afirmar a importância de escrever para que a história não se repita, ou porque lendo mulheres estaremos multiplicando-as, não as deixaremos morrer. Michelle Perrot, em *Minha história das mulheres* (2007), afirma que escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história?

Esse tem sido um dos grandes desafios das teorias feministas, até porque os espaços nunca são dados para as mulheres, mas sim conquistados. O trabalho de evidenciar trajetórias e produções femininas requer fôlego, pesquisas densas e tamanha disposição, pois abarca uma vasta gama de assuntos, entradas e diálogos com outras mulheres que compartilhavam entre si a ânsia de mudança.

Lessa em seu livro buscou dar visibilidade aos diversos assuntos, lutas que Maria Lacerda se dedicou. Para tanto, o livro divide-se em sete capítulos. O primeiro, *Por que ler Maria Lacerda hoje?*, a autora faz uma breve análise de conjuntura ao pontuar o avanço de governos ultraconservadores e autoritários, que resulta no dismantelamento de políticas para as mulheres, extermínio da população negra, enfraquecimento da democracia e etc.

Tais questões, apontam a proximidade dos incômodos vivenciados por Maria Lacerda no início do século XIX com o atual contexto, pois Lacerda foi uma crítica do fascismo e do autoritarismo que se consolidou à época.

Porém, cabe destacar a biografia da educadora para que seja possível compreender como se dá o entrelaçamento com as pautas levantadas por essa no decorrer de sua vida. Maria Lacerda nasceu em Manhuaçu, Minas Gerais em 1887, mas mudou-se em 1891 para Barbacena (MG) juntamente com seus pais, onde iniciou seus estudos. Em 1912 começou a circular seus primeiros escritos, crônicas para um jornal local. No ano de 1921 aos 34 anos, a mineira foi morar em São Paulo onde teve contato com a ativista feminista e bióloga Bertha Lutz, essa que fundou em 1919 a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, espaço o qual reivindicava direitos às mulheres na esfera pública, como o sufrágio feminino, dentre outras pautas atreladas à educação feminina.

Porém, Maria Lacerda partia de outro tipo de ativismo feminista e demonstrava seus incômodos com o feminismo defendido por Lutz, o qual não vislumbrava incluir as questões das mulheres operárias em seu escopo de luta. Além de entender que o sufrágio feminino não iria alterar em nada a condição das mulheres de classes subalternas, entrelaçando assim classe e gênero como condicionantes de sua luta. Fator esse que a diferenciava das ativistas da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher.

Com isso, Lacerda passou a colaborar para a imprensa operária e progressista, em 1923, lançou a revista *Renascença* (LESSA, p. 21), pavimentando assim suas perspectivas libertárias. Contribuiu também com a discussão contra a naturalização e domesticação das mulheres, a maternidade dentre outros assuntos que perpassam a condição feminina.

Ainda no primeiro capítulo do livro, Lessa identifica as mudanças nas obras e

vida de Lacerda, principalmente quando essa muda-se para o Rio de Janeiro em 1938, período que trabalhou na Rádio Mayrink Veiga (ibidem, p. 27), onde se propôs a discutir temas relacionados à astrologia, ciência e religião.

No capítulo dois, *A pedagogia libertária*, Lessa centraliza a discussão em torno da relação dos anarquistas com a educação, resgatando a contribuição de educadoras/es como Paulo Freire e Emma Goldmann. As quais apontavam para as problemáticas imbricadas na forma como a educação é tratada em consonância com o Estado e a Igreja, reproduzindo assim lógicas que não proporcionam aos indivíduos crescimento ou emancipação.

Entre o final do século XIX e início do XX, na Europa e, também, no Brasil começaram a aparecer propostas de ensino através da criação e consolidação de espaços educativos e de materiais e métodos sistematizados e registrados em livros e jornais (p. 33). Este capítulo também trata de temáticas, como o anarquismo individualista, o vegetarianismo, a maternidade, a crítica sobre a questão da prostituição – como um entrave para a emancipação feminina e forma de exploração, além da educação como ferramenta libertadora. Um fato importante de se destacar é o diálogo e proximidade dela com as *Mujeres libres*, organização anarquista e espanhola criada em 1936, as quais tinham uma revista que disseminava suas reflexões, críticas e muitas vezes dialogava com Maria Lacerda.

Já no capítulo três, *As mulheres, as feministas e as sufragistas*, fica perceptível o rompimento de Lacerda com as sufragistas e com o rótulo de feminista. O primeiro está relacionado com o rechaço da educadora ao feminismo liberal, já o segundo, se liga ao fato de que Lacerda não gostava de

definições, nem mesmo se autodenominava libertária. Embora em suas pelejas, no campo da emancipação, sejam típicos dos escritos anarquistas, a interpretação do que hoje considera-se como feminismo libertário (p. 69).

O quarto capítulo, *Os mártires da ciência e a luta antivivisseccionista*, nos dá subsídios para compreender as críticas lacerdianas à ciência quando essa está a serviço do capital ou, no momento em que as pessoas são usadas como cobaias em experiências médicas.

Para tanto, Lessa resgata as críticas feitas por Lacerda sobre o quanto a histeria foi associada às mulheres, levando milhares dessas ao enclausuramento nos hospitais psiquiátricos. Um exemplo icônico disso foi a internação de Camille Claudel, escultora francesa que, após trabalhar no ateliê de Auguste Rodin, com quem se envolveu amorosamente, acusou-o de roubar suas obras (ibidem, p. 95). Depois deste fato, ela foi internada em um hospital psiquiátrico pelo seu irmão, onde ficou abandonada até a sua morte. A associação da histeria com o sexo feminino chamou atenção de feministas como Maria Lacerda, com isso, vozes começaram a ecoar e denunciar a vivisseccção¹ das espécies não humanas (LESSA, 2014c; 2016).

Além disso, Maria Lacerda contribui à discussão sobre o vegetarianismo, quando problematiza a ideia de civilização baseada na exploração de outras espécies pela ciência e pela indústria, cujo discurso central era a promessa de progresso civilizatório. A finalidade nessa lógica é o lucro e a produção sem nenhum compromisso político, o que levou Lacerda a levantar sérios questionamentos sobre o quanto o carnivorismo não sanou a fome da classe operária (LESSA, 2020, p. 108).

Já o quinto capítulo, *O anarquismo individualista*, revela a multiplicidade de correntes anarquistas pelo mundo e a contribuição da autora para tal temática. Sobre isso, cabe ressaltar que:

A utopia anarquista do final do século XIX e início do XX agregava muitas propostas, algumas delas eram baseadas na autogestão, na produção coletiva, na abolição do dinheiro, na imprensa operária, nas escolas libertárias para as crianças, jovens e adultos, na educação como princípio libertador, no questionamento das hierarquias, na rejeição do poder do Estado e da religião (p. 122, 2020).

Patrícia Lessa nos apresenta à diversos/as anarquistas que consolidaram o pensamento e influenciaram Maria Lacerda, como Anne Steiner, pesquisadora sobre o anarquismo individualista, Han Ryner, William Godwin, Max Stirner, dentre outros. Porém, a partir do pensamento de Lacerda fica evidente que essa não seguia um programa, mas sim, em ressonância ao pensamento individualista, governava a si mesma (p. 122).

O capítulo seis, *Guerra à guerra*, aborda uma das principais críticas lacerdianas que está em consonância com a concepção pacifista² e, demonstra o quanto a luta dela pode ser considerada ampla, até porque Maria Lacerda viveu no período das duas grandes guerras mundiais. Ela conectou a indústria armamentista ao tráfico de drogas ilícitas ao criticar o Estado totalitário, afirmando que este se pavimenta a partir da militarização e com o moralismo cristão. Como a autora afirma, ‘a ideia de obedecer a sua consciência e recusar o serviço militar obrigatório era uma máxima dos anarco-individualistas que se diferenciavam do individualismo liberal’ (p. 145).

O sétimo e último capítulo, *O alvorecer da espiritualidade*, demonstra o quanto as discussões e vivências no que tange a religião esteve presente na vida de Maria Lacerda. Cabe ressaltar, que desde bem nova ela se declarava anticlerical e fez inúmeras críticas à Igreja Católica, principalmente pelo fato desta andar de mãos dadas com o fascismo e autoritarismo em diversos momentos da história. Já durante a juventude, Lacerda se debruçou aos estudos do espiritismo, principalmente ao Kardecismo³. Em sua autobiografia, afirmou ter abandonado o Espiritismo por ver nele alguns princípios do catolicismo (p. 167), o que a levou a buscar outros caminhos para assentar a sua fé, como o ocultismo - esse que aparece em seus escritos em diversos momentos.

Portanto, o livro *Amor & libertação em Maria Lacerda*, desmistifica a conexão entre espiritualidade e anarquismo a partir da trajetória de Lacerda, ao demonstrar o quanto este conciliou sua ideologia com as principais religiões (ibidem, p. 173). Para além disso, fica evidente a relação da escritora mineira com as forças naturais e a tentativa incansável de combater o preconceito epistêmico.

Patrícia Lessa nos proporciona ao decorrer dos sete capítulos, um mergulho em trajetórias de homens e mulheres libertárias, educadores/as que dialogavam ou inspiravam Maria Lacerda de Moura. Como Ana de Castro Osório, Emma Goldmann, Lucci Fabbri, Louise Michel, dentre tantas outras e outros que pavimentaram a estrutura de Lacerda, ao ponto dela se tornar uma das principais pensadoras da educação e da condição feminina, sob uma ótica libertária.

Lessa afirma que Lacerda durante sua vida lutou com as palavras, o que é muita coisa quando se trata de mulher em uma sociedade patriarcal. Isso nos remete aos escritos de Audre Lorde, a qual em uma de suas obras questiona: Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia a dia (...) ainda em silêncio adoece e, por causa delas, morre? (2019). Maria Lacerda definitivamente não engoliu palavras, nem lutas. Ela deu nome a seus incômodos e hoje, quando se resgata a memória dela, percebemos o quanto o movimento feminista não esgotou suas demandas, nem suas lutas, bem como, ao visibilizar trajetórias femininas desestabilizamos as tentativas de

enclausuramento do poder e do conhecimento das mulheres.

Referências:

ACKELSBERG, Martha A. Mulheres livres: a luta pela emancipação feminina e a Guerra Civil Espanhola. São Paulo, Editora Elefante, 2019.

LESSA, Patrícia. Amor & libertação em Maria Lacerda de Moura. São Paulo, Editora Entremares, 2020.

LORDE, Audre. Irmã outsider. editora Autêntica, São Paulo, 2019.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. editora Contexto, São Paulo, 2007.

Recebido em 2021-09-10
Publicado em 2021-11-01



* **CAMILA CAROLINA HILDEBRAND GALETTI** é doutoranda em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

¹ Vivisseção é a prática de dissecar o animal vivo, com fins de estudo ou mesmo para testes na indústria virou foco entre as mulheres preocupadas com o olhar para as outras espécies vistas de forma meramente instrumental e funcional. (LESSA, p. 114, 2020).

² Maria Lacerda se considerava uma libertária pacifista, não apoiava o uso da força física para fins de mudanças estruturais. Tal aspecto lhe diferenciava da maioria dos anarquistas à época. Ela era contra a guerra, era a favor da vida e, daquilo que nomeou de fraternidade universal (LESSA, p. 46).

³ Seu criador foi Allan Kardec (1804-1869), um educador e escritor que deu o nome ao Kardecismo ou Espiritismo, que é uma doutrina filosófica vinculada ao estudo do Evangelho (LESSA, p. 166)